



## A CONTRIBUIÇÃO DA PORNOGRAFIA NA SUSTENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Isabela Lima PAULINO<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como principal objetivo a discussão sobre a influência e contribuição da pornografia na sustentação da cultura sexista, assim como suas problemáticas, ressaltando a forma como a mulher perde seu caráter de indivíduo, passando a representar apenas um objeto sexual, e como as violências sofridas pelas mesmas são normalizadas em tais conteúdos. Faz-se importante ressaltar que os argumentos utilizados contra as práticas da indústria pornográfica, presentes no texto, se fundamentam em teorias feministas que versam sobre a emancipação feminina e o fim da sexualização dos seus corpos em prol do prazer masculino, não tendo relação alguma com uma perspectiva conservadora, moralista ou contra as relações sexuais.

**Palavras-chave:** Pornografia. Mulher. Homem. Objetificação. Violência.

### 1 INTRODUÇÃO

Após a revolução industrial, a mão de obra feminina passou a ser utilizada no mercado de trabalho do século XIX. As revistas e anúncios, que antes direcionavam as leitoras propagandas de produtos de casa, reforçando a ideia da mística feminina e da domesticidade, passaram a disseminar itens dietéticos e cosméticos.

O mercado de consumo se modifica junto com a sociedade, lucrando com as demandas mais vigentes em determinado período. Na era pós-moderna, a indústria se beneficia da propagação de um padrão de beleza, criando diversas exigências que devem ser cumpridas caso alguma mulher queira ser aceita socialmente.

Tais premissas passam então a fazer parte da pornografia, exibindo em revistas os corpos nus e sexualizados de mulheres, mostrando aos homens, o público alvo, o que seria “belo” e “desejável”.

O contato com tais conteúdos era reservado ao homem até meados da década de 1960, já que eram expostos em revistas, o que dificultava o acesso das mulheres a essas imagens. Entretanto, a partir de 1970, a pornografia passa a fazer parte da esfera feminina.

A indústria pornográfica foi evoluindo com o passar do tempo. Em 1970 decretaram a eliminação do Código das Produções, nos Estados Unidos, que censurava os filmes considerados obscenos, e instituíram a classificação por faixa etária nas salas de exibição. Na década de 1980, o surgimento dos videocassetes

---

<sup>1</sup> Discente do 1º ano do curso de Direito do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. e-mail@..... Bolsista do Programa de Iniciação Científica.....

aumentou sua disseminação e consumo, o que se intensificou com o surgimento da internet nos anos 90.

O tabu existente em torno das relações sexuais faz com que, muitas vezes, os jovens busquem na internet o que não aprenderam na vida real. Ao terem contato com a pornografia, encontram imagens de um sexo irreal, moldando seus gostos e criando uma falsa ilusão de que somente dessa forma teriam prazer em suas relações.

Ainda sob o estigma da mulher recatada e pura, os diálogos sobre relações sexuais são mais escassos quando se tratam da mulher, e assim como os homens, elas podem buscar na pornografia a explicação para suas dúvidas. Ao verem a forma como as mulheres agem nos vídeos, passam a acreditar que precisam reproduzir tais comportamentos para agradarem o parceiro, o que resulta em um sexo performado e nada prazeroso para ela.

Ao passo em que as mulheres conquistam direitos e espaço na esfera pública, as fantasias apresentadas nesses conteúdos reproduzem a relação de poder e domínio do homem e a submissão da mulher, uma desigualdade de poder questionada pelas recentes mudanças sociais (WOLF, 2020).

A violência sexual e física, a pedofilia, a objetificação e a inferiorização da mulher, presentes nas relações sociais, são reforçadas pela pornografia, que normaliza tais problemáticas. Ao passo em que as leis evoluem, buscando uma igualdade de gênero, a cultura sexista enraizada na sociedade encontra, cada vez mais, um suporte na indústria pornográfica.

## **2 PORNOGRAFIA**

De acordo com o dicionário, a pornografia se caracteriza como “material contendo descrição ou exibição explícita de órgãos ou atividades sexuais, com o objetivo de estimular a excitação sexual”. A palavra deriva da junção de dois vocábulos gregos: “ pornos”, que significa prostituta, e “graphô”, que seria escrever ou gravar.

Em sites que exibem tais conteúdos, podemos dividir os vídeos em duas categorias amplas: os vídeos de pornografia leve e vídeos de pornografia pesada. Enquanto o segundo traz, além da exposição sexual explícita, alguns outros elementos como agressão verbal e física, coerção e violência sexual, a primeira não traz uma representação visível de agressão física, mas ainda possui a influência do sexismo.

Entretanto, ambas as categorias reproduzem os estereótipos de gênero, pois “a pornografia promove a subordinação feminina, a começar pela forma como é produzida e a terminar pela imagem que ela vende e pela realidade social que ela constrói e corrobora, promovendo e naturalizando a violência de gênero” (PAULO, 2016, p. 323).

O público alvo desses materiais são os homens e, mesmo dentro das categorias homoafetivas, como pornô lésbico, os vídeos são erotizados de forma a se tornarem atrativos para eles. Segundo Ribeiro (2016, p. 31):

Há ainda pornografia que versa apenas sobre a bissexualidade feminina, com a exibição apenas de mulheres e a presença de algum objeto que remeta ao falo, indicando, implicitamente, que as mulheres somente conseguem alcançar a sua excitação e viver intensamente a sua sexualidade se houver uma presença masculina ou, pelo menos, algo que remeta à representação do pênis.

Elementos como os estereótipos de gênero, a objetificação da mulher, a pedofilia e a violência sexual fazem parte do universo das indústrias pornográficas. Dessa forma, para compreender melhor cada uma dessas características, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre as mesmas.

## **2.1 O Papel Da Masculinidade E Da Feminilidade**

Enquanto o sexo é um fator biológico, que diferencia os indivíduos em machos e fêmeas a partir de seus órgãos reprodutores, o gênero se trata de uma construção social, estabelecendo um padrão comportamental e características com base nos papéis definidos pela sociedade. Sendo assim, a masculinidade é atribuída aos homens, enquanto a feminilidade é atribuída às mulheres.

De acordo com a historiadora Nader (2014, p. 11):

Em se tratando das sociedades ocidentais, de modo geral, o desempenho ainda esperado para a mulher é o da submissão exercida com base na recepção de ordens sem questionamentos, somada à expectativa da sua permanência na esfera privada, apesar da sua constante inserção no mercado de trabalho e do aumento do seu grau de escolaridade. Quanto ao homem, o principal papel determinado pelas sociedades é o da figura de um ser corajoso e calculista diante da vida que, opostamente à mulher, deve ter sua realização no domínio público, assumindo diante da família o papel de provedor e de chefe.

A masculinidade e a virilidade são continuamente construídas, sendo o homem vigiado e cobrado socialmente a exercer comportamentos tidos como másculos. Segundo Bourdieu (2012, p. 67) “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino”.

Quando o homem era o único que poderia trabalhar e detinha o poder econômico familiar, a imagem de poder era associada a ele. Por mais que as mulheres venham adentrando cada vez mais a esfera pública, o poder ainda é associado ao masculino, pois:

Ser "feminina" é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é "muito feminina" não é mais que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder (BOURDIEU, p.118).

Por serem biologicamente e fisicamente diferentes, homens e mulheres desempenham papéis diferentes no sexo. Entretanto, a distorção dessas diferenças, feita pela pornografia, está intimamente ligada às questões de gênero e reproduzem toda a construção da feminilidade e masculinidade.

São cenas produzidas por homens e para homens, com o intuito de satisfazer o desejo masculino. Por ser esse o objetivo e o público alvo, a relação sexual apresentada evidencia quem detém o poder através de diversos mecanismos: a violência, a coerção e a dominação. Enquanto o indivíduo masculino assume a posição de quem rege a relação, a mulher assume a postura de submissa, acatando as ordens implícitas e explícitas recebidas do parceiro.

À figura feminina compete dois tipos de papéis: a mulher ingênua, inocente e submissa – representada por mulheres jovens, muitas vezes com estilo e roupas infantilizadas e ainda virgens – e a mulher experiente e sedutora – representada por mulheres mais velhas, que seduzem os homens, muitas vezes comprometidos, e praticam os comportamentos tidos como obscenos.

Apesar da diferenciação dos conteúdos, a pornografia reforça os estereótipos de gênero construídos socialmente e coloca homens e mulheres em pontos distintos, sendo o primeiro o detentor do poder e a segunda o objeto sexual.

## **2.2 A Objetificação Da Mulher**

Assim como os produtos são negociados no mercado capitalista, a mulher era considerada propriedade do pai, que detinha o poder de escolha sobre seu futuro e casamento. De acordo com Bourdieu (2012, p. 56):

É na lógica da economia de trocas simbólicas — e, mais precisamente, na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social de objetos de troca, definidos segundo os interesses masculinos, e destinados assim a contribuir para a reprodução do capital simbólico dos homens —, que reside a explicação do primado concedido à masculinidade nas taxinomias culturais.

Passando da potestas do pai para a do marido, a mulher era designada à esfera privada, sendo responsável pelo trabalho doméstico e educação dos filhos. A preocupação com a aparência não fazia parte do universo masculino, já que a masculinidade é afirmada através do poder e da força, mas sim do feminino, pois a mulher era o objeto de troca, cuja aparência importava na hora da escolha. Bourdieu disserta que (2012, p. 118):

Se toda relação social é, sob certos aspectos, o lugar de troca no qual cada um oferece à avaliação seu aparecer sensível, é maior para a mulher que para o homem a parte que, em seu ser-percebido, compete ao corpo, reduzindo-o ao que se chama por vezes de o "físico" (potencialmente

sexualizado), em relação a propriedades menos diretamente sensíveis, como a linguagem.

Com as reivindicações feministas e a conquista de direitos, as mulheres passaram a adentrar a esfera pública e perder a condição explícita de objeto. Entretanto, essa ideologia ainda está presente na esfera privada e é reforçada continuamente pela pornografia, onde a mulher perde o caráter de sujeito e passa a ser uma imagem abstrata, apenas um corpo que sacia os desejos masculinos. É através dessa erotização que os valores sociais de submissão e inferioridade encontram sustentação, contrabalanceando a recém-adquirida confiança das mulheres (WOLF, 2020).

Em sites pornográficos, como o Xvideos.com, os títulos e as categorias dos vídeos ressaltam eroticamente as partes do corpo feminino, compactuando com a ideia de que este é servido apenas para o proveito do homem, sendo, portando, um pedaço de carne atrativo. Essa forma de organizar os conteúdos não é isenta de propósitos, mas sim estratégica, pois a “fragmentação corporal faz com que os sentimentos e emoções das mulheres não sejam percebidas e corrobora para a sua desumanização” (PAULO, 2016, p. 326).

É através dessa ótica que a mulher passa a ser vista como objeto sexual para uso do homem, que possui acesso ilimitado e poder sobre ela, já que sua única função é satisfazê-lo (PAULO, 2016). Ela não possui mais vontade própria e sua validação na sociedade é dada a partir do olhar masculino, sendo seu corpo avaliado como adequado ou não, a partir dos parâmetros impostos pela sociedade e reproduzidos pelos materiais pornográficos.

Entretanto, faz-se necessário salientar que, além da violência de gênero presente na pornografia, a violência racial também está presente, causando uma drástica diferenciação entre a mulher branca e a mulher negra. Como exemplifica Alice Walker (1993), citada por Paulo (2016, p. 332), “onde mulheres brancas são retratadas na pornografia como ‘objetos’, mulheres negras são retratadas como animais. Onde mulheres brancas são retratadas como pelo menos corpos humanos, se não seres, mulheres negras são retratadas como merda”.

Nos vídeos intitulados como pornografia inter-racial, características como a submissão e a feminilidade, presentes na mulher branca, não se encontram retratadas na personalidade da mulher negra, sendo essa apresentada como vulgar e rebelde, tendo a necessidade de ser controlada por um homem, geralmente branco, que lhe obriga a ser submissa e desfruta do seu suposto desejo sexual irrefreável. Dessa forma, Paulo (2016, p. 336) explica que:

A inferiorização financeira, psicológica, social, física, a qual a mulher negra é submetida no mercado da pornografia inter-racial ensina que mulheres negras não são parceiras sexuais, mas objetos que, num movimento semelhante ao do período escravocrata, são usados para o prazer do homem, geralmente branco

Além da objetificação, a sexualização do corpo feminino está sempre presente em tais conteúdos, sendo apresentado nos moldes do padrão de beleza como algo consumível, em poses sensuais e eróticas, com os corpos considerados “fora do padrão” também sendo fetichizados, assim como a etnia, formando um catálogo com vastas opções de consumo para o público masculino.

## 2.3 Pedofilia

Em março de 1998, um garoto chamado Rui Pedro, de 11 anos, desapareceu em Lousada, no norte de Portugal. No mesmo ano, a polícia recuperou 750 mil imagens e vídeos representando 1.263 crianças diferentes de um grupo de pedófilos ilícito, conhecido como The Wonderland Club, em uma operação internacional de pornografia infantil, e Pedro estava entre as 16 crianças identificadas nesses materiais. Seu paradeiro jamais foi descoberto, mas a suspeita das autoridades é de que ele teria sido assassinado por seus sequestradores após ter sido gravado sendo abusado pelos membros dessa rede de pedófilos.

Em 2008, a lei 11.829 atualizou a antiga legislação que tratava sobre a pornografia infantil, alterando o art. 241-A:

Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: pena - reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.

O aperfeiçoamento das leis e o trabalho do ECA são importantes para a proteção das crianças e adolescentes, assim como auxiliam no combate à pedofilia e exploração sexual. Entretanto, os vídeos disponibilizados em sites pornográficos vão em sentido contrário, exibindo mulheres jovens que imitam um comportamento infantil, desde a forma de falar, o tom de voz, a estatura e as vestimentas, muitas vezes sendo uniformes escolares. Nesses vídeos, geralmente intitulados como “novinhas” ou “ninfetas”, as personagens mantêm relações sexuais com homens muito mais velhos. Segundo Ribeiro (2016, p. 32):

Conforme observado por Gail Dines, em diversos materiais pornográficos da categoria teen é possível notar uma adolescente ser iniciada na vida sexual por um homem muito mais velho, normalizando-se as relações sexuais na infância e adolescência e naturalizando-se a pedofilia

Conteúdos que possuem como base a erotização dessas mulheres infantilizadas, facilmente associados com pedofilia, são consumidos por milhares de pessoas, que se deleitam consumindo vídeos como esses. Os desejos sexuais são construídos com base no que nos satisfaz, logo, se um homem fetichiza tais relações, as problemáticas por trás delas perdem o grau de relevância e passam a ser apenas meios de obtenção de prazer.

Durante o 3º fórum sobre Exploração Sexual Infantil, realizado pela Folha São Paulo, a socióloga Gail Dines falou sobre uma entrevista realizada com oito homens condenados por abuso sexual de crianças, em um presídio de segurança máxima de Connecticut, sendo que nenhum deles foi identificado como pedófilo, mas todos fizeram download de pornografia infantil meses antes do ato. Ela afirma que “nenhum desses oito homens tinham tocado em uma criança até os 40 anos de

idade. O que eles disseram é que cansaram das ‘putas’ da pornografia e queriam algo ‘mais inocente’”.

O indivíduo que consome pornografia começa com vídeos considerados ‘leves’ para satisfazer seu desejo momentâneo; conforme seu consumo e dependência aumentam, ele busca conteúdos diferentes, com o objetivo de conseguir a sensação que tinha com os anteriores. Assim, a evolução do vício em pornografia acontece gradualmente, levando o consumidor até o conteúdo mais violento, com reprodução de estupros e sexo com crianças.

## 2.4 Violência Sexual

Em fevereiro de 2019, uma garota de 15 anos desaparecida há oito meses, na Flórida, foi encontrada pela mãe em sites pornográficos, como o Pornhub.com, com 58 vídeos explícitos disponibilizados nas plataformas. A adolescente contou à polícia que a maioria das cenas foram gravadas na casa do sequestrador. Em 2020, depois de uma matéria do jornal The New York Times acusar o site de estar repleto de vídeos relacionados à estupro e abuso sexual infantil, a Mastercard retirou sua plataforma do site, que cobra US\$ 9,99 por mês para proporcionar conteúdos exclusivos e vídeos de alta qualidade para os usuários, o equivalente a R\$50 reais.

Os conteúdos disponibilizados nesses sites reproduzem cenas de violência sexual como algo normal, sendo apenas mais um conteúdo erótico para seu público alvo, os homens. Jane Caputi (1987), citada por Naomi Wolf (2020, p. 200), argumenta que o período moderno é considerado a Era do Crime Sexual, onde filmes baseados em violência sexual passaram a ser normalizados a partir da década de 1970 e 1980.

Em uma sociedade capitalista, a pornografia transforma o sexo em mercadoria. De acordo com Anthony Giddens (1993, p.194), “a sexualidade gera prazer e o prazer ou, pelo menos, a promessa dele, proporciona um incentivo para a comercialização de produtos em uma sociedade capitalista”. Alguns desses produtos são os vídeos pornográficos, sendo o site Xvideos.com o maior portal do mundo, com uma média de 4,4 bilhões de visitas por mês – o triplo do que um grande site de notícias, como a CNN, consegue no mesmo período.

Com o advento da tecnologia, a disseminação desses vídeos se tornou cada vez mais fácil, enquanto o controle do conteúdo seguiu em direção contrária, se tornando cada vez mais difícil. A antropóloga, socióloga e psicóloga Astrid Banta, representante do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) no Brasil, alerta que “a pornografia está criando uma geração de homens que crescem com a ideia de que o corpo da mulher está sempre disponível [...] e pesquisas mostram que crianças entre 10 e 15 anos têm sua noção de sexo moldada por ela”. Tomando como base a mesma problemática, Gail Dines afirma que a pornografia “é a maior fonte de educação sexual para meninos do mundo inteiro que se masturbam pensando em violência sexual”.

Uma característica comum nos vídeos pornográficos é o “não simbólico”, que diz respeito a uma falsa negação da mulher ao ato sexual, pois apesar de vocalizar tal recusa ou tentar esquivar-se do parceiro, ela deseja ter a relação sexual e, após ser forçada a isso, exibe satisfação e prazer. A partir da lógica androcêntrica, definida pelo dicionário como uma “tendência para colocar o masculino como sendo o único paradigma de representação coletiva, estando o pensamento masculino acima de todos os outros”, Ribeiro (2016, p. 78) explica que:

Os defensores da ordem andocêntrica afirmam que as mulheres possuem o poder do sexo, o poder de provocar uma ereção. Se as mulheres possuem este poder, quando algo é realizado, contra a sua vontade, em face delas, a responsável por este ato não é quem o perpetrou, mas elas próprias, na medida em que possuem o poder de provocar. A agressão é vista como algo natural, involuntário, que somente ocorreu porque a mulher atizou o agressor a prática do ato.

Em conjunto com o fenômeno do “não simbólico”, a culpabilização da vítima pelos atos sofridos também se encontra presente na pornografia, onde a mulher demonstra prazer com a agressão. Segundo Wolf (2020, p.207), “os filmes de violência sexual fazem com que homens trivializem cada vez mais a gravidade da violência que eles presenciam contra as mulheres”. Não raramente, ainda percebemos, durante conversas sobre casos de estupros, o peso do machismo na compreensão dos acontecimentos, com homens argumentando que as roupas ou atitudes da vítima contribuíram para a violência sofrida por ela, assim como a ideia de que a mulher tem a obrigação de manter relações sexuais com o cônjuge ou namorado pelo simples fato de estarem em um relacionamento.

De acordo com uma pesquisa feita em 2018 pelo Quantas Pesquisas e Estudos de Mercado, a pedido do canal a cabo Sexy Hot, constatou-se que 76% do público que consome material pornográfico no Brasil são homens e, ao questionarem os principais “motivadores” para consumir tais conteúdos, uma das respostas é que podem “ver e aprender situações/posições”. Dessa forma, Ribeiro (2016, p. 87) explica que:

O consumo da pornografia por adultos acarreta na reprodução da sexualidade exibida pelos materiais pornográficos, assim como a legitimação e naturalização das ideias implícitas na pornografia. Os homens retiram da pornografia novas formas comportamentais, para serem implementadas em suas vivências sexuais

Apesar de não possuir uma categoria apenas com materiais que remetem, explicitamente, o sexo forçado, uma busca rápida pelo site Xvideos.com revela que o mesmo possui 64.387 vídeos intitulados como “estupro real”, 91.870 intitulados como “sexo violento estupro” e 350.956 intitulados como “cenas de estupro”.

Os fatos não são mera coincidência, estão interligados. Novamente, a pornografia transforma a violência em um material de prazer, assim como fez com a pedofilia, normalizando o consumo de vídeos que reproduzem cenas de estupro para o prazer pessoal. De acordo com Wolf (2020, p. 202):

O que está acontecendo hoje em dia, porém, é que homens e mulheres cuja história psicosssexual-pessoal não os levaria a erotizar a violência sexual estão aprendendo com essas cenas a se interessarem por esse tipo de violência. [...] Nossa cultura está descrevendo o sexo como estupro para que homens e mulheres se interessem por ele.

Assim como a violência sexual, a violência física e a agressão também fazem parte do conteúdo pornográfico, estando presente na maioria dos casos, geralmente acompanhados de xingamentos. Durante uma pesquisa, como cita DeKeseredy (2015, p.3):

Bridges, Wosnitzer, Scharrer, Sun e Liberman (2010) examinaram 304 cenas em 50 dos DVDs pornográficos mais populares e descobriram que quase 90 continham agressão física (principalmente palmadas, engasgos e tapas) e aproximadamente 50 por cento incluíram agressão verbal, principalmente xingamentos. Os machos constituíram a maior parte dos perpetradores e os alvos de sua agressão física e verbal foram “esmagadoramente fêmeas”. Além disso, os alvos femininos muitas vezes pareciam mostrar prazer ou respondiam de forma neutra a agressão masculina.

A criminalização do abuso sexual foi um marco importante na luta por uma sociedade mais segura. Entretanto, enquanto as discussões acerca desse tema buscam romper com a ideia de que o corpo da mulher é público e educar cada vez mais meninas e meninos, a pornografia reafirma e solidifica todas essas problemáticas, normalizando práticas que, sob a ótica da jurisprudência, se encaixam como crimes.

### **3 POR TRÁS DAS TELAS DA INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA**

Para além dos efeitos nocivos da pornografia em quem consome tais conteúdos, também se faz necessário tratar da violência sofrida pelas mulheres que entram para essa indústria, assim como a visão equivocada de como funciona esse mercado de trabalho.

A imagem passada nos vídeos é de que as mulheres estão lá porque gostam de trabalhar com sexo.

Vanessa Danieli, ex-atriz pornô, relatou em uma entrevista à uol.com que, mesmo após ter abandonado a indústria, ainda sofre com preconceito e comentários maldosos em razão do seu passado. Em seu relato, ela diz que já chegou a tentar suicídio diversas vezes, mas atualmente faz tratamento psiquiátrico para “não pirar”, já que “essa coisa de fazer parte do pornô é pesado e gera muitas frustrações, pois as pessoas glamorizam a pornografia e não pensam em tráfico e exploração sexual”.

A imagem passada nos vídeos é de que as mulheres estão lá porque gostam de trabalhar com sexo e que todas as cenas são feitas com consentimento. Entretanto, a experiência de Danieli, assim como a de outras mulheres, mostra que essa nem sempre é a realidade:

Entrei por necessidade e me arrependo muito. Tudo ali no set não era montado como prometido, era caseiro, sem uma cópia do contrato, cenas cansativas e muito forçadas, tudo era sofrimento, foi uma fase bem difícil. Tenho traumas até hoje.

Durante um episódio do programa “3 girls 1 kitchen”, a ex-atriz pornô Lana Rhoades contou sua experiência traumatizante trabalhando na indústria do sexo e, assim como Danieli, relata que os oito meses de gravação resultaram em “cicatrizes

psicológicas”. Lana diz que a glamorização da pornografia leva jovens como ela a não perceberem as problemáticas envolvidas, e que:

[Os agentes] não se importam com as garotas, só querem agradar os produtores e as agências. São homens de 40 a 60 anos que estão na indústria há 20 ou 30 anos. Eles sabem como manipular meninas de 18 a 20 anos para que façam as coisas.

Em 2018, após uma filmagem pornográfica com seis horas de duração, a atriz pornô Leigh Raven contou sua história em um vídeo confessional lançado no YouTube, no qual afirma que já conhecia o ator Rico Strong e que aceitou gravar com ele uma cena descrita como “sexo violento”. O vídeo confessional foi removido da plataforma por se tratar de um conteúdo sensível; entretanto, a entrevista da atriz ainda se encontra presente no site “Fight the new drug”, uma organização anti-pornografia sem fins lucrativos. Segundo Raven, suas inúmeras tentativas de pedir para cessarem o ato foram ignoradas, mesmo enquanto passava mal:

Após o golpe inicial no rosto, Raven afirma que Strong entrou em uma cena de sexo oral extremamente difícil que quase a sufocou, apesar das repetidas tentativas de comunicar sua incapacidade de respirar. Raven alegou que, se tentasse se afastar, seria agredida e xingada, enquanto Just Dave [o diretor] ficava cada vez mais frustrado por ela não estar vomitando por causa da força do ato - um gênero pornográfico chamado "abuso facial" que costumava ser mais específico mas está se tornando mais popular.

A atriz foi forçada a realizar uma posição que, como já havia mencionado ao diretor, não conseguiria fazer sem sentir dor. Just Dave prometeu que cortaria a cena caso houvesse algum desconforto, mas não o fez, e “no dia seguinte, Raven apresentou um boletim de ocorrência à polícia e foi incentivada a passar por uma avaliação médica que descobriu uma laceração vaginal e um colo do útero machucado”.

Na indústria do sexo, a percepção do que seria consentimento se torna deturpada. Tem-se a ideia de que os atos que serão efetuados são combinados previamente, com a assinatura de um contrato, mas frequentemente os atores são coagidos de diversas formas, inclusive com alegações de que não receberão o

pagamento caso não afirmem que concordaram com todos os atos realizados durante a filmagem.

#### **4 CONCLUSÃO**

A violência de gênero é descrita como qualquer tipo de agressão, seja ela física, psicológica, sexual ou simbólica, contra um indivíduo em situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual, e possui como base a ideia intrínseca de que o poder pertence ao indivíduo masculino, enquanto a submissão é uma característica feminina, assim como os papéis de gênero atribuídos a cada um.

A Organização das Nações Unidas (ONU), da qual o Brasil é signatário, traçou 17 objetivos para serem cumpridos até 2030, dentre eles a igualdade de gênero se encontra presente.

É importante ressaltar que as mudanças sociais promovidas pela implementação de debates acerca da violência de gênero e pela criação de leis que amparam a mulher foram importantes na luta feminista por uma realidade diferente para as mulheres. Entretanto, a igualdade entre homens e mulheres ainda não foi atingida, e a evolução caminha lentamente, mascarada por uma falsa visão de que o sucesso já foi alcançado.

A falta de uma análise profunda sobre as formas de opressão da classe feminina resulta em uma cegueira benéfica para a indústria pornográfica. Enquanto estupros são exibidos como conteúdo para o deleite masculino, a indústria pornográfica enriquece. Enquanto mulheres são infantilizadas em vídeos de cunho sexual, tornando-as semelhantes a crianças, a indústria pornográfica lucra. Pouco importa se os jovens estão se educando através desses conteúdos, se a pedofilia e a agressão estão sendo normalizadas, o lucro segue aumentando.

A pornografia corrobora com a violência de gênero, pois legitima as violências sofridas pela classe feminina e insere a mulher no papel de submissa e inferior ao homem, que detém o poder sobre seu corpo. São vídeos consumidos por homens, que reproduzem as cenas em suas relações pessoais para obter prazer.

Portanto, não é possível falar em igualdade de gênero enquanto os debates não alcançarem os impactos negativos da indústria do sexo.

## REFERÊNCIAS

FERNANDO, Lucas. O primeiro filme pornô do cinema. **Pipocada**, 2016. Disponível em: <https://pipocadacinema.wordpress.com/2016/04/19/o-primeiro-filme-porno-do-cinema/>. Acesso em: 16, agosto 2021.

DE PAULO, Lara Campos; DA SILVA RIBEIRO, Raisa Duarte. **PORNOGRAFIA INTER-RACIAL: A DUPLA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS**. Revista de Direito Constitucional Internacional e Comparado, v. 2, n. 2, p. 321-338, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/rdic/article/view/24848>. Acesso em: 30, agosto 2021.

GUGELMIN, Felipe. Maior site pornográfico do mundo transmite mais de 29 petabytes a cada mês. **Tecmundo**, 2012. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/21735-maior-site-pornografico-do-mundo-transmite-mais-de-29-petabytes-a-cada-mes.htm>. Acesso em: 25, agosto 2021.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Unesp, 1993. Disponível em: <https://meupdf.com/anthony-giddens-transformacao-da/>. Acesso em: 29, agosto 2021.

PREVIDELLI, Fabio. Precedente de Madeleine Mccann: Rui Pedro, o menino que foi sequestrado em Portugal e jamais foi encontrado. **Aventuras na história**, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/precedente-de-madeleine-mccann-rui-pedro-o-menino-que-foi-sequestrado-em-portugal-e-jamais-foi-encontrado.phtml>. Acesso em: 29, agosto 2021.

PINTO, Ana. Impacto da pornografia é imenso no abuso sexual, diz antropóloga. **Folha de S. Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/05/impacto-da-pornografia-e-imenso-no-abuso-sexual-diz-antropologa-norueguesa.shtml>. Acesso em: 25, agosto 2021.

Pornhub: a investigação que fez a plataforma pornô remover milhões de vídeos. **BBC News**, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55341938>. Acesso em: 25, agosto 2021.

VIEIRA, Nathan. Estupro e pedofilia: o limbo dos sites pornográficos. **Canaltech**, 2021. Disponível em: <https://canaltech.com.br/comportamento/estupro-e-pedofilia-o-limbo-dos-sites-pornograficos-176718/>. Acesso em: 25, agosto 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**, 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/762315/mod\\_folder/content/0/BOURDIEU\\_A\\_domina%C3%A7%C3%A3o\\_masculina.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/762315/mod_folder/content/0/BOURDIEU_A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?forcedownload=1). Acesso em: 18, agosto 2021.

NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Livia de Azevedo Silveira (Ed.). **Mulher e gênero em debate: representações, poder e ideologia**. EDUFES, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/1028>. Acesso em: 17, agosto 2021.

DEKESEREDY, Walter S. **Critical criminological understandings of adult pornography and woman abuse: New progressive directions in research and theory**. International Journal for Crime, Justice and Social Democracy, v. 4, n. 4, p. 4-21, 2015. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/abs/10.3316/INFORMIT.252663108887644>. Acesso em: 30, setembro 2021.

RIBEIRO, Raisia Duarte da Silva. **Discurso de ódio, violência de gênero e pornografia: entre a liberdade de expressão e a igualdade**. Editora Multifoco, 2017. Disponível em: <http://ppqdc.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/34/2017/06/DISCURSO-DE-%C3%93DIO-VIOL%C3%8ANCIA-DE-G%C3%8ANERO-E-PORNOGRAFIA-ENTRE-A-LIBERDADE-DE-EXPRESS%C3%83O-E-A-IGUALDADE.pdf>. Acesso em: 1, setembro 2021.

MURARO, Cauê. **22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia e 76% são homens, diz pesquisa**. G1, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/22-milhoes-de-brasileiros-assumem-consumir-pornografia-e-76-sao-homens-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 1, setembro 2021.

Ex-atriz pornô fala sobre realidade da indústria do sexo: 'Tenho traumas até hoje'. **Istoé, 2021**. Disponível em: <https://istoe.com.br/ex-atriz-porno-fala-sobre-realidade-da-industria-do-sexo-tenho-traumas-ate-hoje/>. Acesso em: 6, setembro 2021.

Ex-atriz pornô Lana Rhoades desabafa sobre pressão na indústria de entretenimento adulto. **G1, 2021**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/14/ex-atriz-porno-lana-rhoades-desabafa-sobre-pressao-na-industria-de-entretenimento-adulto.ghtml>. Acesso em: 6, setembro 2021.

Paridade de gênero. **ONU mulheres [s.d.]**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/paridade/>. Acesso em: 6, setembro 2021.

O que é violência de gênero e como se manifesta?. Politize, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/violencia-de-genero-2/>. Acesso em: 6, setembro 2021.

Not all porn is consensual. Don't believe it? Just ask these performers. **Fight the new drug**, 2021. Disponível em: <https://fightthenewdrug.org/these-performers-expose-abuse-consent-issues-on-porn-set/>. Acesso em: 6, setembro 2021.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**, 2020. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/e8x1vs>. Acesso em: 6, setembro 2021.